

São os constituintes: fazendo e aprendendo

LUIZ CARLOS LISBOA

Há cerca de dezoito séculos, Epicteto teve a sabedoria de lembrar (citado por Ernest Cassirer em nosso tempo) que aquilo que de fato alarma e perturba o homem não são as coisas, mas suas opiniões e fantasias sobre elas. As ideologias incentivaram uma antiga tendência humana ao "pensamento capsular", simplificando o que na realidade era complexo e desenvolvendo preconceitos que facilitaram muito as tomadas de decisão. Com isso engendraram grandes riscos e não menores injustiças mundo afora. A crise, a situação política brasileira e a fabricação de uma nova Lei Magna pela Assembléia Constituinte, conjugaram-se num único momento histórico no Brasil e, para o melhor ou o pior, comunicaram entre si seus humores psicossociais. O espetáculo da preparação da futura carta é um VADEMECUM e um FORMULÁRIO, do mesmo tempo, do que acontecerá de que acontece e do que acontecerá neste País.

O presidente da Constituinte, sr. Ulysses Guimarães, disse esta semana que "o PMDB não quer fazer uma Constituição que tenha a cara do partido, mas sim a cara do Brasil". É quase certo que isso acontecerá mesmo, embora não seja garantido que todos gostem do aspecto final da obra. As opiniões e fantasias que fermentam dentro da grande agremiação têm levado alguns dos seus dirigentes a sondar melhor o espírito partidário, para compará-lo com o espírito da Nação, tirando daí resultados edificantes ou reforçando convicções que de qualquer forma seriam reforçadas porque foram ideologicamente instiladas. Há apenas uma semana as coisas não eram tão visíveis, mas hoje já se sabe que o "clamor de multidão" dos primeiros tempos nas subcomissões era apenas trabalho de gramofone dos agora chamados "xititas", que uma vez mais na crônica do radicalismo (de direita e de esquerda) mundial, tentaram levar no grito o que não podiam levar no voto. Esses jogos, naturalmente, estão muito longe de terminar porque o arsenal dos ideologizados — eles convivem com essa química há muito tempo e hoje estão viciados — pode ser renovado quase até o infinito. Tudo o de que precisamos, afinal, é de guerreiros bem treinados (embora minoritários), que saibam alternar intimidação e capacidade de convencer pelo vigor da repetição.

O suave e frágil Epicteto falou nisso tudo há tanto tempo, e a História, incansável nas suas espirais, acaba trazendo para a nossa Assembléia Nacional Constituinte o antigo fantasma das opiniões e fantasias, sobrepondo-se às coisas simples da vida para manter ácidas as chamas do purgatório em que o homem decidiu viver. Os "xititas" distribuíram, inicialmente, as denominações: eles são nacionalistas, progressistas, moderados, avançados, os do outro lado são diretas, reacionários, conservadores, e brevemente podem ser promovidos a fascistas. Em seguida, trabalharam diligentemente nos cargos que haviam recebido do seu prodígio líder Covas. Enquanto foi

tudo bem, mantiveram a compostura dos que estão conseguindo o que querem. Quando seus dezoito relatórios foram derrotados com as respectivas propostas nas subcomissões, começaram os gritos. A certa altura, a deputada Cristina Tavares caracterizou bem os sentimentos do seu grupo quando disse: "O PMDB está chegando a um ponto de deterioração que o está levando a seu fim". No dia seguinte, era o senador Fernando Henrique Cardoso quem fazia uma avaliação: "O PMDB agora são dois". Pouco antes, o deputado Percival Muntiz, da Bahia, atestava: "A polarização é tão grande que parece que nosso partido terminou". Quem sabia que o PMDB sempre foi legião não se admirou de nada do que estava ocorrendo. E, no fundo, todos sabiam disso.

Mas o imenso partido vai continuar existindo pelo menos até o encerramento dos trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte, que será quando Deus quiser. Os embates das subcomissões mostraram a correlação de forças, e esta surpreendeu a ambos os segmentos: um, porque de tanto dizer-se forte acabou pensando que de fato era, outro, porque de tanto ouvir dizer que era fraco terminou sentindo-se previamente derrotado. As opiniões e as fantasias que fazem voar idéias e papéis na Constituinte vão manter unido o PMDB — e tudo faz crer que ele vai caminhar lentamente para o centro, como uma reação à tática de gritaria "xitita". Como na natureza, em que veneno e antidoto andam lado a lado, no mundo político e na vida pública em geral o radicalismo traz em si mesmo os ingredientes da moderação. Ação e reação, tese e antitese, In e lang — a vida lida melhor com os homens do que as fantasias e opiniões desses mesmos homens, materializadas em conceitos, definições e ideologias.

Os constituintes brasileiros podem estar acordando para alguns fatos simples e fundamentais, que muito pouco têm que ver com os filósofos do século XIX que ainda hoje ditam o comportamento dos radicais de uma banda e outra do espectro político. Esses fatos simples dizem respeito ao desejo popular sincero de prosperidade, trabalho e bem-estar. Afada ao paternalismo, ao estatismo e ao aventureirismo, a sociedade que sobrevive no Brasil de hoje desenvolveu acentuada desconfiança em relação ao lucro, ao trabalho produtivo e enriquecedor. É como se, não tendo visto exemplos vivos dele, desacreditasse da sua viabilidade e desaprovasse toda boa disposição como ilusória e basicamente desonesta. A economia de mercado tornou-se aqui um sonho irreal para os que já ouviram falar nela mas continuam vivendo experiência muito diversa. Nossas superstições fazem com que desaprovemos o que nos parece inalcançável — não o que experimentamos e fracassou. Essa recusa do desconhecido, comum na classe média e nas chamadas elites intelectuais brasileiras, é parte daquele imenso conjunto de opiniões e fantasias que alarmam e perturbam o homem, de que falava o tão distante quanto presente Epicteto.